
O PROCESSO DE CRIAÇÃO NO LIVRO LITERÁRIO INFANTIL E JUVENIL: UMA ENTREVISTA COM EVA FURNARI¹

Cleide Aparecida Vilarinho Takaasi²
Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira³

Nesta entrevista, a renomada artista plástica, escritora e ilustradora, Eva Furnari, aborda seu processo de criação e sua trajetória profissional. Também, manifesta seu compromisso com o valor estético de sua obra e suas preocupações relacionadas à recepção de seus livros e ao cerceamento do trabalho de criação literária no cenário contemporâneo. Para Nelly Novaes Coelho, Furnari “[...] é das presenças mais atuantes no movimento literário ligado às crianças, tendo aberto, desde os anos 70, um espaço criativo dos mais significativos na área de literatura/arte destinada ao público infantil.” (1995, p.317)⁴.

Furnari nasceu em Roma em 1948 e, aos dois anos de idade, veio para o Brasil com sua família, mais propriamente para a cidade de São Paulo, onde ainda reside. Formou-se em Arquitetura, pela Universidade de São Paulo – USP, e finalizou sua graduação com um trabalho acerca de livros para crianças, compostos somente por imagens. Ingressou no mercado de trabalho como professora de artes no Museu Lasar Segall, onde permaneceu de 1974 a 1979. No início da década de 1980, atuou como desenhista em diversas revistas, angariando o Prêmio Abril de Ilustração em 1987. Na mesma década, começou a publicar suas obras, angariando prêmios diversos.

Ao longo da carreira, Furnari produziu mais de 70 livros, muitos traduzidos e publicados no exterior, como México, Equador, Guatemala,

¹ Esta entrevista foi realizada originalmente de forma espontânea e oralmente. Para sua publicação, alguns ajustes foram realizados, com a finalidade de torná-la mais agradável à leitura. A versão que se apresenta foi aprovada pela entrevistada.

² Mestra em Letras pela Universidade Estadual Paulista.

³ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista e professora da mesma instituição.

⁴ COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira: séculos XIX e XX*. 4.ed. rev. e ampl.. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Bolívia e Itália. Também, adaptados para o teatro, como *Lolo Barnabé*, *Pandolfo Bereba*, *Abaixo das canelas*, *Cocô de passarinho*, *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*, *A Bruxinha Atrapalhada*, *Cacoete e Truks*. Em 1994, *Truks* recebeu o prêmio Mambembe. As obras *Trudi e Kiki* e *Godofredo* também serviram de inspiração para animações, assim como o conjunto de sua obra que motivou o Sesc de Ribeirão Preto a organizar, no primeiro semestre de 2014, uma exposição interativa, denominada “Otrapalhaçãã”. Em 2015, essa exposição circulou por Catanduva, Araraquara, Taubaté e Bauru, sendo visitada por mais de 80.000 pessoas.

Seu livro *Felpo Filva* vendeu mais de 250 mil cópias no Brasil ao término de 2014, sendo publicado na Inglaterra pela Pushkin Books. Furnari participou da Feira Internacional de Ilustradores de Bratislava em 1995, da *Honour List do International Board on Books for Young People – IBBY*, órgão consultivo da Unesco para a literatura infantil, com *O feitiço do sapo*, em 1996, também, de diversas exposições de ilustradores brasileiros promovidas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ na Feira do Livro Infantil de Bolonha. Recebeu diversos prêmios, incluindo o Jabuti, o Prêmio APCA pelo conjunto da obra, além de diversas lâureas concedidas pela FNLIJ, por meio do selo “Altamente Recomendável”.

Tornou-se conhecida entre leitores diversos, pelas suas cativantes tirinhas, publicadas semanalmente na *Folhinha*, suplemento infantil do jornal *Folha de São Paulo*, nos anos 1980. Nesse período, criou uma de suas principais personagens – uma divertida Bruxinha atrapalhada – e definiu os traços de sua produção, pautada pela criatividade, originalidade e pelo efeito de humor. Furnari também atuou como ilustradora de livros infantis para autores diversos, como Érico Veríssimo (1905-1975), Tatiana Belinky (1919-2013), Ana Maria Machado (1941-), entre outros.

Considerada uma das precursoras do livro de imagem no Brasil, Furnari passa, também, a publicar livros ilustrados na década de 1990. Suas histórias emancipatórias cativam leitores de todas as idades e promovem, pelo riso, reflexões críticas, assegurando a ampliação de seus horizontes de expectativa.

I - Em 1980, surge sua coleção “Peixe Vivo”, que incluía livros de imagem, como: Todo Dia, Cabra Cega, De Vez em Quando e Esconde-Esconde. Quando surgiu a ideia de publicar para crianças? Tratava-se de um desejo ou houve alguma motivação? Consegue reconhecer pontos em comum entre a sua produção para o público adulto e a que se volta para crianças?

EVA FURNARI: Eu desenhei a vida inteira, desde pequena fazia aquarela. A arte sempre foi a minha paixão. Quando resolvi cursar uma faculdade,

percebi que toda minha família era composta por químicos, físicos, engenheiros. Motivada por esse contexto, fiz um ano de física, descobri que estava no lugar errado. Decidi fazer o curso de arquitetura na USP, pois mais próximo da criação artística. Nessa faculdade, havia um ambiente muito fértil para criações e o desenvolvimento de projetos. Lembro-me de um professor, chamado Flávio Motta, que produzia, sob a forma de brincadeira, uns caderninhos com pequenos desenhos, os quais eram impressos na gráfica da faculdade. Ele nos incentivava a criar esse cadernos e a produzi-los. Nesse processo, tínhamos que encaderná-los, colocar espiral, enfim, entender um pouco sobre a produção de um livro. Este conteúdo fazia parte do currículo. Comecei nessa época a criar histórias, por meio da sequência de desenhos sem textos, voltados para leitores adultos. Éramos rebeldes naquela época, produzíamos histórias de protesto. Ainda tenho essas histórias, elas não são publicáveis, mas começaram nesse contexto universitário.

No fim da faculdade, engravidéi, nasceu minha filha e, no trabalho de conclusão do curso, escolhi fazer uma reflexão sobre as histórias sem texto para crianças. Já formada, fui trabalhar no Museu Lasar Segall, como orientadora de artes. Ao sair desse trabalho no museu, ocorreu-me a ideia de realizar ilustrações para livros infantis. Produzi um portfólio e o levei a uma editora. Contudo, os responsáveis pela edição desses livros, julgaram o meu traçado muito europeu e o recusaram. O mercado editorial naquele momento estava interessado em produções com características mais brasileiras. Então, muito timidamente, disse à equipe de produção daquela editora que possuía umas historinhas, as quais tinha desenvolvido durante a realização do trabalho de conclusão do curso de arquitetura. Tratava-se de histórias curtas e desprovidas de palavras. Pediram para que as levasse na editora.

No dia seguinte, entreguei essas histórias ilustradas para os responsáveis. Depois de uma semana, responderam que queriam uma coleção inteira. Eu quase caí da cadeira, pois não entendia de produção editorial, só sabia como preparar um trabalho para impressão. Acabei vendendo meu trabalho para essa editora e, durante 10 anos, não recebi direitos autorais. Nesse período, decidi não entrar em conflito com a editora, depois, acabei publicando essas histórias.

No início da minha carreira, sentia-me muito insatisfeita com meu trabalho, eu já fazia exposições de artes plásticas, tinha um padrão artístico elevado e, no entanto, no livro, eu não conseguia atingir esse padrão. Percebia que não conseguia fugir da mesmice, dos estereótipos que reconhecia nas ilustrações de livros para crianças. De qualquer forma, minha carreira começou, por meio de um processo complexo de reflexão e busca por originalidade.

O Edmir Perrotti publicou uma matéria em um jornal denominado *Mulherio*. Tratava-se de um jornal feminista da Fundação Carlos Chagas. A

editora do jornal *Folha de São Paulo* viu essa matéria, ficou interessada e me convidou para fazer tirinhas no suplemento infantil, na *Folhinha*. Então, comecei a fazer histórias semanais e, em 1981, mais ou menos, apareceu a Bruxinha. Durante quatro anos realizei tirinhas semanalmente, o que me conferiu muita experiência para desenvolver outras narrativas. A narrativa visual tem características próprias. Por meio dela, você não conta qualquer história, pois é preciso dominar essa coisa do tempo e da surpresa ao final do enredo.

No jornal, a bruxinha era publicada somente em branco e preto. Diante disto, busquei um meio de tornar a sua ilustração mais leve e feliz. Passei, então, a incluir pintinhas brancas na ilustração, porque o cinza, muitas vezes, resulta em um desenho meio deprimido. Com o tempo, recebi outros convites para produzir ilustrações, mas meu trabalho melhorou mesmo depois de 10 ou 15 anos de produção. Eu fui amadurecendo e, em 1994, comecei a escrever textos.

2 - A maior parte de suas obras destina-se ao público infantil e juvenil. Poderia comentar por que optou pelo recurso ao humor em suas produções? O humor e o nonsense exercem uma atração diferenciada sobre o público infantil, contribuindo para potencializar a experiência estética? De que modo esses elementos podem favorecer o engajamento e a construção de sentidos na leitura?

EVA FURNARI: O humor não é algo que se possa explicar. Eu fico muito surpresa com o seu trabalho. Aliás, há outra pesquisadora da USP, Jaqueline Oliveira dos Santos, que fez uma tese sobre o humor nos meus livros. Para mim, apesar de todos os estudos, o humor é algo que sempre tem um aspecto que permanece misterioso. Ele faz parte da natureza humana. O humor, de alguma forma, deve provocar cosquinhais no cérebro, liberar algumas substâncias que são fontes de prazer. Trata-se de um mecanismo quase de sobrevivência porque está associado à infância. Se observamos os animais, em especial, os filhotes, percebemos que eles também brincam. Um gatinho brinca sozinho ou com outros filhotes, isso é uma simulação de como aprender a sobreviver. Acredito que seja um treino, um aprendizado. Só que não aconteceria se não fosse uma fonte de prazer. Então, Deus, de alguma forma, ou algum ente superior, ou seja lá o que for que aconteceu na criação do universo, estabeleceu esse mecanismo do qual as crianças espontaneamente se valem em suas brincadeiras e, inclusive, vão em busca dele. Trata-se daí que produz o riso.

A criança está sempre sorrindo, sempre buscando coisas engraçadas. Assim, a produção para as crianças tem como principal objetivo promover o

riso, diverti-las. Sabemos que crianças exigem muito esforço e energia. Contudo, elas são cativantes, pois têm uma graça própria, trata-se da beleza das crianças. Justamente, essa graça relaciona-se com o trabalho estético e sua manifestação no texto verbal e imagético. Eu não consigo explicar porque um desenho é engraçado. Eu sei, apenas, que me divirto com ele. Assim, imagino que, se eu me divertir com uma ilustração, o meu leitor também irá se divertir. Muitas vezes, realizo um trabalho que se volta para minha interioridade.

À medida que me aprofundo em uma criação, consigo obter sinceridade comigo mesma, livro-me dos estereótipos, ou seja, de um raciocínio muito utilitário, pois estou buscando me divertir. Viver nesse terreno fértil, fecundo, é o meu universo. Eu busco um humor na minha obra que não seja depreciativo, que focalize as diferenças da criança ou do adulto ou do animal. Esse objetivo relaciona-se com a minha personalidade, minha ideologia. Por exemplo, na maior parte dos meus livros, não costumo colocar nos personagens nomes conhecidos, eu os invento. E isso acabou se tornando também uma fonte de humor.

Busco, também, a supresa que se associa ao humor. Aliás, o *nonsense* é o que surpreende. Então, o nosso cérebro tem um mecanismo de “depende”. A surpresa pode ser boa ou ruim, mas se ela for boa, então, promoverá essa reação do riso ou do prazer, pois apresentará algo que surpreende, pois tirado do seu lugar usual. Esse processo resulta de uma reflexão posterior. Eu não penso, quando estou fazendo um trabalho, não faço um roteiro, nem tenho um objetivo racional, didático ou específico para divertir as pessoas ou ensinar alguma coisa. Tudo que faço vem da minha ideologia, da minha maneira de viver, das minhas crenças e, sobretudo, da minha sinceridade. Evito as ofensas, a grosseria, a brutalidade... Eu sempre vou pelo caminho da sutileza.

Acho que o meu desenho é, cada vez mais, pautado pela questão da delicadeza. Claro que minhas ilustrações são narrativas, pois gosto de contar coisas. Então, meus personagens, por exemplo, têm expressividade, ou seja, manifestam emoções diversas, como alegria, medo, desânimo... Eu uso essa forma de comunicação no meu trabalho, porque atrai as crianças. Aliás, a relação delas com a imagem é a de familiaridade, pois a reconhecem muito antes de falar, ler e escrever. As crianças são muito perspicazes na leitura das imagens. Elas leem o mundo e as pessoas. Então, por isso, os livros infantis são ilustrados, porque tem um vínculo muito forte com as crianças. O meu trabalho segue por essa linha da ilustração narrativa, relacionando-se com o livro sem texto, o livro de imagem. Certamente, associa-se, também, com os caminhos que tomei na minha produção.

3 - Em seu ambiente familiar, sempre deu vazão às histórias? A literatura permeia também a forma como se relaciona com sua família e seus filhos?

EVA FURNARI: O meu vínculo com a arte é muito forte desde sempre. Então, meus filhos conviveram comigo escrevendo, desenhando, tanto que são artistas. Minha filha, além de designer dos meus livros durante muitos anos, também, é ceramista, tem um trabalho maravilhoso. Meu filho escreve, desenha, faz música, trabalha com cinema. Enfim, todos são artistas aqui em casa. Hoje, já são adultos. Eu sempre contei histórias e meus filhos tiveram esse momento de encantamento, que fiz questão de preservar. Os livros promovem esse momento, pois todo mundo gosta de histórias, os adultos também as apreciam. Muitas vezes, o universo dos livros apresenta conteúdos simbólicos de aprendizado, associados à sabedoria, pois comunica experiências.

Acho que o livro infantil é um espaço de reflexão, no qual se pode falar da relação humana, do sofrimento, dos conflitos, da busca por realização, felicidade, harmonia e completude. Busquei preservar esse espaço na minha família. Minha filha faz o mesmo; conta histórias todas as noites para os meus netos. Eu tambémuento quando eles vêm dormir em minha casa. Estão sempre na minha pequena biblioteca e me veem fazendo desenhos, usam minha mesa de luz, meus materiais. Nesse processo, desenvolvem familiaridade com o universo da confecção do livro. Eles sabem que existem muitas etapas, veem os desenhos que coloco na parede e, depois, como essas criações são modificadas. Além disso, ao longo dos anos, fomos criando uma mania de procurar coisinhas para dar risada. Então, a gente tem esse hábito, é quase um cacoete; achar coisinhas engraçadas e contá-las um para o outro. Em geral, são coisas engraçadas que aconteceram.

Estamos sempre em busca do riso, porque a vida é difícil mesmo, tem conflitos, diferenças. Muitas vezes, a aceitação dessas diferenças é complexa. Estamos em um mundo meio esquisito. Talvez, os meus livros façam um pouco isso; tornar a vida mais leve, o que considero algo saudável. Busco, em primeiro lugar, focar no melhor do ser humano. E, justamente, o humor é um dos itens desse lado positivo. Buscar a alegria, a graça e o humor que surge da surpresa tem sido meu objetivo. Eu tenho um livro denominado *Tantãs*, que é só de contos malucos, na linha do *nonsense*. Nele, fica muito claro que o humor provém do tirar as coisas do lugar usual. Então, os meus livros e a minha vida giram em torno da busca de coisas felizes.

4 - Quais obras ou autores influenciaram na sua trajetória como escritora? Poderia mencionar alguma obra em especial que tenha desempenhado papel significativo na construção de sua obra literária?

EVA FURNARI: Infelizmente, hoje em dia, temos pouco tempo para ler. O mundo tecnológico rouba o nosso tempo, mas aprendi com muitos autores, começando por Monteiro Lobato, que é um grande contador de histórias, infelizmente, hoje cancelado por algumas pessoas, por razões até justificadas, mas sem perspectiva histórica. Na minha infância e durante a vida inteira, gostei muito de ler livros policiais, por causa da construção da trama e do suspense que geram curiosidade. Agora, de literatura infantil, eu gosto muito dos livros da série Harry Potter, de J. K. Rowling. Eu acho que a autora é uma grande contadora de histórias que fez sucesso porque tratou de um tema interessante; a magia. Em uma geração que nasce sem religião, é preciso ter alguma transcendência, pode-se começar através da magia. O ser humano não suporta só a materialidade das coisas, assim, a saída para um mundo mágico pode ser um dos alentos para a nossa alma.

5 - Entre os livros infantis que publicou, existe algum com o qual mantém uma relação mais íntima ou especial?

EVA FURNARI: Considero melhores os livros dos últimos 20 anos, pois já estava em uma fase mais madura, entendendo melhor como contar bem uma história. Alguns livros marcaram a minha carreira, como *Bruxa Zelda e os 80 docinhos*, em que comecei a aliar ilustração e texto verbal. Como autora exclusiva da Editora Moderna durante 15 anos, tive a sorte de poder reformular esse livro, entre outros, arrumando o texto, muitas vezes, refazendo uma ilustração e até melhorando a edição.

Outro livro marcante foi *Os problemas da família Gorgonzola*, em que utilizei técnicas de desenho que me deixavam mais livre, com mais confiança no meu universo. Comecei também a ser impactada pelos desenhos das crianças. Elas copiam os meus desenhos quando conhecem os livros e, depois, criam os próprios e sou influenciada pelos desenhos delas. Então, trata-se de uma troca muito significativa.

Há outros livros que considero especiais, como *Cacoete*, em que apresento uma reflexão sobre o mundo moderno e a nossa educação. Meu último livro, *Rosaspina*, demandou muitos anos de mergulho reflexivo. Ele foi lançado agora em fevereiro, é juvenil e acho que pouca gente conhece. *Rosaspina*, em suas 360 páginas, não tem ilustração, só mapas. Adentrei outra categoria e fiquei muito satisfeita com o resultado. Atualmente, é o meu preferido. Tenho um vínculo muito profundo com esse livro que apresenta um mundo feminino acolhedor.

6 - Nos últimos anos, sua produção voltada ao público infantil foi
Miscelânea, Assis, v. 36, p. 277-91, jul.-dez. 2024. ISSN 1984-2899

significativa. Poderia compartilhar conosco se houve algum projeto literário em desenvolvimento ou ideias que apresente nas obras? Existe algum tema ou abordagem que acredita ainda necessitar de mais atenção na literatura infantil contemporânea?

EVA FURNARI: Acabei de reformular um livro escrito em 2013, que se chama *Amarilis*. Percebi como é interessante esse processo de reescrita, ou seja, de reformulações, pois revela o quanto amadureci nesses últimos anos. O processo de criação vai-se aprimorando, passa-se a perceber de forma mais lógica quais são as sutilezas que se almeja manifestar. Há outros livros que desejo retomar, porque quando fui contratada pela Moderna, tirei uns quinze do mercado e estou reformulando-os. Considero muito bom poder reescrever um livro. Por exemplo, em uma das minhas narrativas, eu criei uma personagem feminina agressiva. Ao analisá-la, modifiquei suas características, pois nos últimos 15 ou 20 anos, a sociedade, o mundo, tudo mudou, aliás, eu mudei. E acho que estamos indo por um caminho melhor, no meio de uma revolução que não é só tecnológica, mas também de relações e valores.

Apesar disto, às vezes, julgo que há muitos exageros, com cancelamentos que não fazem sentido. Nesses posicionamentos, as pessoas deixam de perceber que, na vida, na arte, na criação, existem sutilezas. Em tudo há uma parte boa e outra ruim. Tenho feito essa reflexão que me leva a repensar e reformular minha obra. Acabo de escrever um novo livro e espero que gostem de sua história sensível que reúne uma ideia antiga a outra mais recente. Cada livro que faço é diferente, na verdade, para mim, é uma grande aventura.

Eu me lembro sempre de uma afirmação da escritora J. K. Rowling sobre sua imensa necessidade de escrever. Ela disse que, se não o fizesse, poderia até acabar com a família. Eu não sou uma pessoa agressiva, mas necessito estar ativa, escrevendo, desenhando, produzindo coisas novas para permanecer em equilíbrio. Ao longo dos anos, fui aprendendo a lidar com essa necessidade que, apesar de todas as atribulações diárias, se impõe e a qual faço questão de preservar.

7 - Em sua avaliação, como pode ser compreendida a produção literária contemporânea voltada ao público infantil? Poderia comentar sobre suas percepções a respeito do desenvolvimento e das características dessa produção nos contextos nacionais e internacionais?

EVA FURNARI: Na verdade, eu não sou uma estudiosa, não sou uma profunda conhecedora de literatura. O que conheço são coisas e, antigamente, era mais

fácil fazer isso. Hoje, há muita publicação, muitos livros importados adentram nosso mercado editorial. Acho que existem livros bons, ruins e médiocres. Considero positiva a iniciativa das escolas de priorizarem livros na educação das crianças. Cada livro, de alguma forma, revela-se como uma brincadeira muito rica e interessante que pode ajudar os professores em sala de aula. Atualmente, os educadores sentem-se oprimidos por interesses individuais e pela ausência de disciplina. O livro, de alguma forma, pode ser um foco de interesse legítimo que auxilia na disciplina coletiva. As crianças precisam aprender os limites da convivência e o livro pode ajudar nesse sentido, entre outras coisas. O livro cativante pode despertar um interesse legítimo nas crianças pelas histórias, pelo menos para aquelas que conheço e com as que convivi. As boas histórias podem auxiliar um educador ou professor ou até um mediador nessa organização do coletivo, mas não poderia dizer por qual caminho se deve seguir.

Atualmente, a produção literária tem sido alvo de muitas críticas, inclusive, muitos escritores são cancelados. O Roald Dahl, por exemplo, autor de *A fantástica fábrica de chocolate*, *A Convenção das Bruxas*, *Senhor Raposo*, enfim, de uma série de obras excelentes. Ele é um ótimo escritor, cujas obras são adaptadas para o cinema e/ou para séries televisivas. Só que estão higienizando o trabalho dele. Suas histórias sempre tiveram um viés realista. Imagino, que ele deva estar se revirando no túmulo, com as mudanças em seu trabalho. Por meio delas, mutilam o texto.

Ora, as crianças não são bobas, elas veem ou ouvem as notícias. A realidade está posta, as guerras são terríveis. No cerceamento da criação, impede-se que exista um lugar onde se possa falar da realidade de uma maneira mais saudável, poética. Então, muitas vezes, há movimentos que vão a extremos e suas ações resultam em efeitos contraditórios que, ao invés de promoverem a liberdade, causam o fechamento, favorecem a ignorância. Sou a favor da liberdade. O escritor está muito oprimido, não pode falar. Por exemplo, quando estava escrevendo *Rosaspina*, dei o manuscrito para alguém ler, houve comentários diversos, como: “Mas puxa vida, será que o menino precisa passar por tudo isto? Ele pode ter um pai que bebe demais?” Então, as pessoas não sabem se podem falar da dependência ao álcool, têm medo de usar determinados termos. Se certos temas não puderem ser tratados, como a criança entrará em contato com a realidade através da ficção?

De alguma forma, tudo isso está em discussão e acho saudável, torço para que a sociedade se abra, pelo diálogo. Eu mantive o personagem do pai assim, dependente do álcool, porque fazia todo sentido, pertence à história. Agora, se todas as mazelas humanas forem evitadas na ficção, então, não será mais possível escrever. Simplesmente, a ficção – Shakespeare está aí para mostrar – trata de todos os temas, tematiza a dor, o sofrimento, também, recorre ao efeito de humor e revela o lado obscuro do ser humano. Hoje,

infelizmente, vive-se um processo de censura na criação. Bem, estou desabafando aqui...

PRODUÇÕES DA AUTORA EM ORDEM CRONOLÓGICA⁵

1. *Cabra-cega*. São Paulo: Editora Ática, 1980. (Coleção Peixe Vivo).
2. *De vez em quando*. São Paulo: Editora Ática, 1980. (Coleção Peixe Vivo).
3. *Esconde-esconde*. São Paulo: Editora Ática, 1980. (Coleção Peixe Vivo).
4. *Todo dia*. São Paulo: Editora Ática, 1980. (Coleção Peixe Vivo).
5. *Traquinagens e estripulias*. São Paulo: Editora Global, 1982.
6. *A bruxinha atrapalhada*. São Paulo: Editora Global, 1982.
7. *Amendoim*. São Paulo: Editora Paulinas, 1983. (Coleção Lua Nova).
8. *Filó e Marieta*. São Paulo: Editora Paulinas, 1983. (Coleção Lua Nova).
9. *Zuza e Arquimedes*. São Paulo: Editora Paulinas, 1983. (Coleção Lua Nova).
10. *Violeta e roxo*. São Paulo: Editora FTD, 1984.
11. *Quem cochicha, o rabo espicha*. São Paulo: Editora FTD, 1986. (Coleção Ping-Póing).
12. *Quem embaralha, se atrapalha*. São Paulo: Editora FTD, 1986. (Coleção Ping-Póing).
13. *Quem espia, se arrepia*. São Paulo: Editora FTD, 1986. (Coleção Ping-Póing).
14. *Quer brincar?* São Paulo: Editora FTD, 1986. (Coleção Roda Pião).
15. *Bruxinha 1*. São Paulo: Editora FTD, 1987. (Coleção Mágica).
16. *Bruxinha 2*. São Paulo: Editora FTD, 1987. (Coleção Mágica).
17. *Catarina e Josefina*. São Paulo: Editora Formato/Saraiva, 1990. (Coleção As Meninas).
18. *Ritinha bonitinha*. São Paulo: Editora Formato/Saraiva, 1990. (Coleção As Meninas).
19. *A menina e o dragão*. São Paulo: Editora Formato/Saraiva, 1990. (Coleção As Meninas).
20. *Caça fumaça*. São Paulo: Editora Paulinas, 1992. (Coleção Lua Nova).
21. *Por um fio*. São Paulo: Editora Paulinas, 1992. (Coleção Lua Nova).
22. *O problema do Clóvis*. São Paulo: Editora Global, 1992.
23. *Truks*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

⁵ Dados retirados dos seguintes sites:

FURNARI, Eva. A escritora. Eva Furnari, [s.d.]. Disponível em: <http://www.evafurnari.com.br/pt/a-escritora>. Acesso em: 17 jul. 2025.

FURNARI, Eva. Eva Furnari — Autores Exclusivos. Moderna.com.br, [s.d.]. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/autoresexclusivos/eva-furnari>. Acesso em: 28 nov. 2025.

24. *O amigo da bruxinha*. São Paulo: Editora Moderna, 1993. (Coleção Girassol).
25. *A bruxinha e o Godofredo*. São Paulo: Editora Global, 1993.
26. *A menina da árvore*. São Paulo: Editora Studio Nobel, 1994. (Coleção Olho Verde).
27. *Operação risoto*. São Paulo: Editora Ática, 1997. (Coleção Piririca da Serra).
28. *The little guardian angel*. Traduzido por Linda Tailleur Paquet. São Paulo: Ática, 1997.
29. *Angelito*. Tradução de Graciela Foglia. São Paulo: Ática, 1997.
30. *El secreto del violinista*. Tradução de Simone Sandes Tosta. Cidade do México: Larousse, 1998.
31. *La niña del árbol*. Quito: Libresa, 1998.
32. *Zuza y arquímedes*. Quito: Libresa, 1998.
33. *A bruxinha e o Gregório*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
34. *A bruxinha e Frederico*. São Paulo: Editora Global, 1999.
35. *Abaixo das canelas*. São Paulo: Editora Moderna, 2000. (Coleção O Avesso da Gente).
36. *Bilílico*. São Paulo: Editora Formato, 2001.
37. *Dauzinho*. São Paulo: Editora Moderna, 2002. (Coleção Os Bobos da Corte).
38. *Los problemas de la familia Gorgonzola*. Tradução de Lourdes Hernández Fuentes. São Paulo: Global, 2003.
39. *La brujita y federico*. Tradução de Lourdes Hernández Fuentes. São Paulo: Global, 2003.
40. *La brujita y godofredo*. Tradução de Yolanda Ferrano. São Paulo: Global, 2004.
41. *La brujita atarantada*. São Paulo: Global, 2004.
- Nudos*. Tradução de Alberto Jiménez Rioja. São Paulo: Global, 2005.
42. *Zelda la strega e gli 80 pasticcini*. Tradução de Patrizia di Malta. Milão: Mondadori, 2006
43. *Felpo Filva*. São Paulo: Editora Moderna, 2006. (Coleção Girassol).
44. *Zig zag*. São Paulo: Editora Moderna, 2006. (Coleção Miolo Mole).
45. *Pandolfo bereba*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Do Avesso).
46. *Lolo Barnabé*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Do Avesso).
47. *O segredo do violinista*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Tramas).
48. *Bruxinha Zuzu*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Bruxinha).
49. *Bruxinha Zuzu e gato Miú*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Bruxinha).
50. *Trudi e Kiki*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Pimpolhos).

51. *Umbigo indiscreto*. São Paulo: Editora Moderna, 2010. (Coleção Do Avesso).
52. *Travadinhas*. São Paulo: Editora Moderna, 2011. (Coleção Miolo Mole).
53. *Adivinhe se puder*. São Paulo: Editora Moderna, 2011. (Coleção Miolo Mole).
54. *Assim assado*. São Paulo: Editora Moderna, 2011. (Coleção Miolo Mole).
55. *Você troca?* São Paulo: Editora Moderna, 2011. (Coleção Miolo Mole).
56. *Não confunda*. São Paulo: Editora Moderna, 2011. (Coleção Miolo Mole).
57. *Problemas boborildos*. São Paulo: Editora Moderna, 2011. (Coleção Problemas).
58. *Rumboldo*. São Paulo: Editora Moderna, 2012. (Coleção Do Avesso).
59. *Tartufo*. São Paulo: Editora Moderna, 2012. (Coleção Do Avesso).
60. *Anjinho*. São Paulo: Editora Moderna, 2013. (Coleção Pimpolhos).
62. *Listas fabulosas*. São Paulo: Editora Moderna, 2013. (Coleção Miolo Mole).
63. *Cocô de passarinho*. São Paulo: Editora Moderna, 2013. (Coleção Pimpolhos).
64. *Amarílis*. São Paulo: Editora Moderna, 2013. (Coleção Do Avesso).
65. *Marilu*. São Paulo: Editora Moderna, 2013. (Coleção Pimpolhos).
66. *A bruxa Zelda e os 80 docinhos*. São Paulo: Editora Moderna, 2014. (Coleção Do Avesso).
67. *O circo da lua*. São Paulo: Editora Moderna, 2014. (Coleção Pimpolhos).
68. *Fuzz mcflops*. Tradução de Alison Entrekin. Londres: Pushkin Books, 2014.
69. *Os problemas da família Gorgonzola*. São Paulo: Editora Moderna, 2015. (Coleção Problemas).
70. *Nós*. São Paulo: Editora Moderna, 2015. (Coleção Pimpolhos).
71. *Cacoete*. São Paulo: Editora Moderna, 2016. (Coleção Pimpolhos).
72. *Sorumbática*. São Paulo: Editora Moderna, 2016.
73. *Drufs*. São Paulo: Editora Moderna, 2016.
74. *Luas*. São Paulo: Editora Moderna, 2016. (Coleção Miolo Mole).
75. *Vidas entre linhas e traços*. São Paulo: Editora Moderna, 2018.
76. *Tantãs*. São Paulo: Editora Moderna, 2019.
77. *Daufonsinho*. São Paulo: Editora Moderna, 2020.
78. *Rozaspina*. São Paulo: Editora Moderna, 2024.

OBRAS PREMIADAS

Felpo Filva
Prêmio Jabuti – Livro Infantil, CBL, 2007.

O Melhor para a Criança (Hors-Concours), FNLIJ, 2007.
Altamente Recomendável, FNLIJ, 2007.

Cacoete

Prêmio Jabuti – Livro Infantil, CBL, 2006.

Prêmio Jabuti – Ilustração, CBL, 2006.

O Melhor para a Criança (Hors-Concours), FNLIJ, 2006.

O circo da lua

Prêmio Jabuti – Menção Honrosa de Ilustração, CBL, 2004.

Sítio do Pica Pau Amarelo

Vencedora do concurso da Rede Globo de Televisão para caracterização dos personagens do programa infantil, 2000.

Anjinho

Prêmio Jabuti – Ilustração, CBL, 1998.

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1998.

Sorumbática

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1997.

O feitiço do sapo

Honour List, International Board on Book for Young People – IBBY, 1996.

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1995.

Bienal de Ilustrações de Bratislava – BIB

Participação na exposição da XV Bienal, 1995.

A Bruxa Zelda e os 80 docinhos

Prêmio Jabuti – Ilustração, CBL, 1995.

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1994.

Truks (peça de teatro)

Troféu Mambembe, Ministério da Cultura, 1995.

Adivinhe se puder

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1994.

A menina da árvore

O Melhor para a Criança (Hors-Concours), FNLIJ, 1994.

Truks (livro)

Prêmio Jabuti – Ilustração, CBL, 1993.

Melhor Livro de Imagem (Hors-Concours), FNLIJ, 1993.

O problema do Clóvis

O Melhor para a Criança (Hors-Concours), FNLIJ, 1993.

Assim assado

Prêmio Adolfo Aizen, União Brasileira de Escritores – UBE, 1992.

A menina e o dragão

Melhor Livro de Imagem, FNLIJ, 1991.

Ritinha bonitinha

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1991.

Catarina e Josefina

Altamente Recomendável, FNLIJ, 1991.

Bruxinha 2

Prêmio Luís Jardim – Altamente recomendável, FNLIJ, 1988.

Bruxinha 1

Prêmio Luís Jardim – Altamente recomendável, FNLIJ, 1988.

Conjunto da obra

Prêmio Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), 1987.

Prêmio Abril de Ilustração, 1987.

Quer brincar?

Prêmio Orígenes Lessa, FNLIJ, 1987.

Coleção ping-póing

Prêmio Orígenes Lessa, FNLIJ, 1987.

Filó e Marieta

Melhor Ilustração, Bienal Banco Noroeste, 1984.

Melhor Livro de Imagem, FNLIJ, 1984.

A bruxinha atrapalhada

Melhor Livro de Imagem, FNLIJ, 1983.

Coleção peixe vivo

Melhor Livro de Imagem, FNLIJ, 1982.

FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

CBL – Câmara Brasileira do Livro

Recebido em 10 de março de 2025

Aprovado em 10 de agosto de 2025